

## Jornal da Tarde

18/5/1984

### Arroz na marmita, o suor, a tevê em preto e branco.

*Vamos conhecer a vida de Maria Aparecida, de Luzia Silvério e suas famílias. Uma vida cheia de problemas.*

A história da apanhadora de laranja Maria Aparecida Pereira dos Santos, 19 anos, é um retrato fiel da vida da maioria das famílias bóias-frias de Bebedouro, município responsável pela maior produção e industrialização da fruta no País. Órfã de pai, a moça contribui com Cr\$ 26 mil semanais (o mesmo salário dos irmãos) para manter a casa da Vila Aeroporto, um bairro de trabalhadores rurais; onde mora há nove anos. O pai caiu de um caminhão "pau-de-arara" quando voltava do trabalho, adoeceu e morreu há nove meses. Antes, porém, levantou o dinheiro da aposentadoria e comprou quatro cômodos conjugados, a prestação.

Como os três irmãos, cora idade entre 16 e 22 anos, Afaria Aparecida não pensa em mudar de vida. "Outros dois se casaram e foram embora, mas ainda tenho duas irmãs pequenas. A de nove anos está estudando e a gente não quer que ela pare, já que a outra, de 12 anos, teve que deixar a escola para cuidar da minha mãe, que está velha", conta ela, com indisfarçável amargura.

A marmita que leva para o trabalho vai com arroz e com batata, ou ovo. Só aos domingos, quando sobra algum dinheiro, a família come "uma misturinha diferente", como miúdos de frango ou carne. Sua vontade era continuar os estudos, mas como sempre chega muito tarde do serviço, assiste televisão e vai dormir, "exausta", nunca depois das dez horas da noite.

"Como é que vou fazer para sustentar esse mundaréu de gente?", indaga, acrescentando que, se o preço da caixa da laranja colhida não subir para 200 cruzeiros, como reivindica o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bebedouro, pretende mudar de profissão. Sobre a greve, não gosta de conversar: teme represálias no emprego e diz que não sabe como será sua vida se deixar de trabalhar.

Já na casa de Luzia Silvério, 43 anos, a situação é um tanto complicada. Ninguém tem emprego fixo e os salários são bem inferiores, situados na faixa dos Cr\$ 8 mil por semana. O marido, Dorival Kill, 50 anos, está inválido há muito tempo e são os filhos que trabalham para sustentar a casa de três quartos. Além deles, moram um filho casado e a mulher, seis filhos (alguns menores) e um neto.

Dorival, que até pouco tempo era alcoólatra, tem dificuldades para se locomover e raramente sai de casa, só mesmo para ser internado em hospitais da região, o que é freqüente. A diversão da família é ficar defronte à televisão branco e preto, adquirida há vinte anos, e a única que sai de casa para se divertir é Marisa, 15 anos, que costuma ir a um clube operário da cidade. Já Sílvia Helena, 23 anos, é mãe solteira e está grávida de seis meses. Doente, ela abandonou seu emprego na Frutesp e, agora, segundo a própria mãe, Luzia para ajudar a pagar a prestação de Cr\$ 12 mil de uma casa popular, Sílvia está-se prostituindo.

A nora Tânia, de 17 anos, também está grávida, mas continua indo com o marido Nivaldo, três anos mais velho, colher laranja. Além destes, outros dois trabalham na lavoura, ganhando cada um mais Cr\$ 8 mil por semana. "É que nem todo dia tem trabalho e, quando tem, não deixará a gente trabalhar o dia inteirinho e, às vezes, muitos ficam parados na roça", observa Válter, 14 anos, que estuda à noite.

A única integrante da família Kill que não trabalha nos laranjais é a doméstica Marilda, 15 anos, mas dona Luzia promete que, se o preço da colheita for elevado, esta também mudará de profissão, e irá para o campo. A filha caçula, de 13 anos, estuda durante o dia, mas sempre que pode — "especialmente nas greves dos professores" — ela acompanha os irmãos na roça. No ano que vem, vai definitivamente para os laranjais.

Assustada com a greve, dona Luzia acusa a polícia de violência e reclama que quebraram um vidro de sua casa, no Jardim Cláudia, onde está há três anos. Um saco de 60 quilos de arroz não dá para o mês e a carne, quando consegue comprar, é exclusiva dos filhos pequenos. Se depender de sua vontade, é provável que a greve dos apanhadores de laranja seja vitoriosa, mas Luzia tem pressa. A sua despensa está vazia e, hoje, não haverá almoço.

Mas nem todos os casos de famílias bóias-frias são assim, dramáticos. Um estudo recente, realizado pela Secretaria da Economia e Planejamento do Estado, indicou que as populações de "volantes rurais" são, em vários municípios do Estado, os principais segmentos do mercado consumidor. Mesmo as famílias de Maria Aparecida Moreira e Luzia Silvério apresentam bom nível de poder aquisitivo. Algumas famílias de "bóias-frias" dispõem de aparelho de televisão, casa própria, embora simples, e até de um veículo usado. "O principal problema vivido é de ordem financeira", explicava ontem uma assistente social da Prefeitura de Ribeirão Preto, lembrando que "o aviltamento da remuneração ao longo dos últimos três anos é o fator responsável pela crise". Na opinião da funcionária, "o trabalhador bóia-fria da região de Ribeirão Preto acostumou-se a receber um dinheiro razoável pelo seu trabalho, sempre gastou, mas não aprendeu a conviver com a crise, fenômeno que não entende e do qual apenas vagamente ouviu falar". G.A.

**(Página 15)**